

A hora, agora

Não falarei de Tancredo. Nem do homem, nem do político. Já tudo se disse e meu testemunho, hoje, seria paralisado pela emoção. Emoção que é coletiva. Emoção que é de cada um de nós. É minha também: e quanto...

Mas não posso calar sobre o que vi. Andei por estas terras do adeus, de São Paulo a São João del Rey. Vi, como todo mundo, a dor, a tristeza e, a despeito delas, a esperança.

Em Brasília, durante mais de quatro horas, o cortejo se arrastou pelo Planalto afora sem quase caminhar. Mal saídos do aeroporto, os batedores militares dissolveram-se literalmente na multidão dos motoqueiros. Jovens, coloridos, aos pares, agarrados a bandeiras brasileiras, a camisetas das diretas-já, o amarelo mais forte que o verde, seguiu o cortejo fúnebre ladeado pelo que de mais revoltoso parecia haver no Brasil: a juventude que os conservadores pensam que é "hippie".

Aproximavam-se dos nossos carros, tocando neles às vezes com força, mas às vezes pareciam acariciá-los, e procuravam reconhecer-nos. Ora aos brados, ora com quase súplica diziam às vezes chorando, quase sempre as mesmas coisas: "Nós confiamos em vocês"; "Não deixem a peteca cair"; "Olha, não vão trair".

Já no "eixão", com menos motoqueiros e mais povo, ao ver-nos, Ulysses à frente — ovacionado —, seguido pelo nosso carro, com o presidente do Senado e os líderes, multiplicavam-se os aplausos e os apelos: "Olha aí gente, vamos em frente"; "Tancredo é o nosso Presidente".

Esta média, da pequena classe média aos trabalhadores, aos sem emprego, homens e mulheres, mesmo criança, o povão, enfim, não votou. Engoliu, como todos nós, o Colégio Eleitoral. Graças aos comícios e a Tancredo deu-se a transfiguração: o compromisso com a mudança acabou primando sobre o método para assegurá-la.

Hoje, Tancredo morto é feito símbolo da coesão e da tolerância, sobra-nos a tarefa imensa de transformar cada voto de confiança em ação efetiva de mudança.

Nem mesmo estes dias de comoção e de solidariedade nacional podem fazer-nos esquecer que o País inteiro exige — precisa — de transformações.

Foi comovente, patético mesmo ver a massa sofrendo e confiante, terna e exigente, que ao mesmo tempo em que pranteava um morto feito herói e estimulava as lideranças políticas, sobretudo as do PMDB, desenhava nos rostos marcados, nas vestes pobres, nos gestos desabridos, uma cobrança mal disfarçada.

A hora é agora. Até quando esta multidão de carentes de cidadania, de emprego, e até de consideração e afeto, continuará pranteando nossos símbolos, estimulando nossas elites?

Por mais emocionante que tenha sido, como foi, o réquiem cantado no Palácio do Planalto, transformado em Sé de todo o País, e por mais que nos toque, como tocou, escutar os sons escritos por um brasileiro, o padre José Maurício, fazendo nos recordar que temos um País capaz de produzir símbolos que o integrem, é só ter os olhos para ver que os descamisados que ovacionaram o rei e aplaudiram o terceiro Estado, nem por isso deixam de ser o que são, os excluídos da terra.